

**RESENHA: SILVA, Maurício Roberto da.  
TRAMA DOCE-AMARGA: (exploração do)  
trabalho infantil e cultura lúdica.  
IJUÍ: UNIJUÍ; São Paulo: HUCITEC, 2003. 356 páginas.**

Jaciara Oliveira Leite<sup>1</sup>

**Resumo**

O texto trata de apresentar de forma sucinta a constituição teórica e metodológica da obra resenhada, que denuncia o furto do lazer/lúdico das crianças trabalhadoras dos canaviais do nordeste brasileiro e destaca as estratégias de resistência com que essas crianças (re)constroem a sua cultura lúdica.

**Palavras-chaves:** trabalho infantil, cultura lúdica, lazer

**Abstrac**

The present search trys to offer, briefly, the theory and methodological information of the book's reviews, that reports the leisure's theft of working children in sugarcane at northeast Brazil. It also highlights the resistance's strategies in which those children (re)build their leisure culture.

**Keywords:** child labor, leisure culture, leisure.

---

<sup>1</sup> Aluna de Mestrado do PPGEF/UFSC; Graduação em Educação Física pela UnB.

O livro trama doce-amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica é fruto da tese de doutorado do professor Maurício Roberto da Silva<sup>2</sup>. A expressão “trama doce – amarga” contida no título aponta a realidade estudada, qual seja a exploração do trabalho infantil na Zona da Mata Canavieira de Pernambuco. A cana que tem por característica ser doce, matéria-prima do açúcar, e também a doçura da brincadeira, trazendo o peso histórico e amargo da exploração do trabalho infantil.

Pode-se dizer que desesperadora e esperançosa são duas palavras que descrevem bem a obra. Desesperadora porque traz a dura situação do povo nordestino, especialmente da Zona da Mata em Pernambuco, com péssimas condições de trabalho, êxodo rural, desemprego, fome, analfabetismo, exploração do trabalho infantil. E, ao mesmo tempo é esperançosa por trazer durante todo o tempo que há resistência nesta realidade e, portanto, há esperança. O autor vem abrir-nos os olhos para esta situação histórica que perdura até os dias de

hoje e o movimento de resistência das crianças através da cultura lúdica, ou seja, das brincadeiras. Essa é a temática que perpassa todo o livro, de crianças sendo exploradas, obrigadas a trabalhar no corte da cana, mas que transgridem as regras do capital (produção), e em meio ao sofrimento brincam e vivem sua cultura lúdica como tentativa de resistência e emancipação e “não na perspectiva de diversão, entretenimento estéreis e utilitaristas, valores estes ainda muito impregnados na teoria e prática do lazer, notadamente na infância.” (p. 184)

A fim de dar conta da complexidade do problema o livro traz um referencial teórico pautado nos conhecimentos de diversas áreas (sociologia, psicologia, antropologia, direito, história, medicina do trabalho, serviço social, comunicação, jornalismo, economia), mas sem perder de vista a base epistemológica. A própria metodologia de investigação, constituída pelo o que o autor veio chamar “colheita de dados”, sendo composta por: entrevistas; fotos e poesias<sup>3</sup>; desenhos; eventos contra a exploração

<sup>2</sup> Professor do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, Pesquisador do NEPEF/ Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física e Membro do Comitê Catarinense Independente Contra a Exploração do Trabalho Infantil.

<sup>3</sup> As fotos e poesias, que podem ser apreciadas durante todo o livro, apresentam a dura realidade e a resistência através das expressões captadas e das contribuições poéticas de autores como, João Cabral de Melo Neto.

do trabalho infantil que contam com a participação das crianças, como a Marcha Global Contra o Trabalho Infantil; oficinas; visita aos engenhos; dentre outras, proporciona a quem lê conhecer a história que geralmente não é contada. Isto a partir da análise dos discursos dos próprios sujeitos que escrevem essa história, as crianças empobrecidas. Além das falas dos sindicalistas, pais, mães e trabalhadores.

O autor faz uma análise histórica dos impactos do capitalismo no mundo rural se aprofundando no cotidiano dos canaviais. A monocultura da cana que se baseia nos grandes latifúndios e, durante muito tempo esteve ligada ao trabalho escravo e semi-escravo, além do passado de sofrimento trouxe consequências graves para o presente. Deixou o solo infértil, e o processo de moagem da cana produz um subproduto que polui os rios e mata os peixes. Desta forma, há dificuldade de se plantar outros produtos nesta região e a poluição dos rios tira uma das únicas fontes de lazer, que é justamente os banhos de rio. Além, de comprometer também o abastecimento de água potável nesta região que já é de tanta seca. Esses apontamentos são do autor Gilberto Freyre (1997), bastante citado a partir das contribuições do livro *Casa Grande e Senzala*, e que Maurício faz as devidas críticas ao seu traba-

lho. Diante disso, os engenhos de cana-de-açúcar vêm diminuindo em número por conta dos fatores ambientais citados, pela concorrência de estados como São Paulo e Minas Gerais e a região Centro-Oeste, da falta de investimentos na região, e dos juros altos.

A manutenção da exploração do trabalho infantil, mesmo havendo legislação, movimentos sociais e sociedade civil condenando esta prática, se relaciona diretamente com o desemprego causado pelas falências dos engenhos e pelas imposições da política neoliberal. Tem-se então o seguinte quadro: os trabalhadores não podem perder seus empregos e tem uma quantidade de cana para cortar por dia, então levam seus filhos para ajudá-los, isso retira o emprego dos adultos. As crianças são preferência de mão-de-obra por não serem forma de trabalho organizada e não possuírem registro profissional, configurando-se em mão-de-obra mais barata. Com isso, o desemprego aumenta, as crianças passam a ser, também, provedoras de renda de suas famílias. Além disso, o desemprego estrutural e a falta de oportunidades no campo é uma das principais causas do êxodo rural. As famílias em busca de uma condição melhor de sobrevivência nas grandes capitais, como Recife, acabam ficando marginalizadas e deixam de

ser exploradas no campo para serem exploradas na cidade. Há consequências imediatas e ao longo do tempo. As crianças param de estudar, ou se estudam têm dificuldade para se desenvolver pelo cansaço advindo da jornada nos canaviais; podem se acidentar no trabalho; reduzem seu tempo de lazer, não havendo tempo e disposição para brincar. Em longo prazo, traz o envelhecimento precoce, desnutrição, doenças, analfabetismo, vergonha, prejuízos na construção da identidade da criança, nanismo.

O livro relata que o campo sempre sofreu com a falta de educação de qualidade e de políticas públicas que pudessem garantir condições reais de cidadania para essa população, pautando-se geralmente em políticas assistencialistas, que o autor vem a tecer críticas através da análise de programas naquela região, como o “Mão Amiga”. E, da falha nas estatísticas brasileiras quanto ao trabalho infantil que “maqueiam” o fato. Apesar do autor se apropriar da realidade dos canaviais, ele traz dados de exploração infantil em todo o planeta e nas mais diversas áreas (sisal, laranja, carvão), traz também as contribuições de Engels (1985) neste sentido, que alertavam que na consolidação do sistema capitalista,

a educação era de má qualidade, que as crianças eram obrigadas a trabalhar durante muitas horas realizando trabalho repetitivo.

Diante disso, o autor traz a seguinte questão: As crianças que são exploradas no âmbito de trabalho infantil na cana de açúcar tem efetivamente tempo livre para usufruto das vivências da cultura lúdica na infância? E a resposta do autor é não, já que o lazer (tempo livre) é determinado pela categoria trabalho, e em nossa sociedade capitalista ao trabalho produtivo, portanto, não há como haver um lazer verdadeiramente livre. Porém, o livro traz ampla discussão de que no lazer, mais do que no trabalho, há crítica e resistência à situação social, e que as crianças fazem de maneira própria essa resistência.

O lúdico, portanto, não se identifica com os valores do lazer capitalista. Ele identifica-se de forma latente com a criança, cuja subjetividade não está apta para o sistema produtivo, tendo em vista o espírito da racionalidade não ter conseguido ainda domá-la. (p.196)

De forma que, o mesmo corpo<sup>4</sup> que é obrigado a se submeter à produção comprometendo sua infância, o que o autor denomina “corpo produtivo”, é também o corpo

<sup>4</sup> No livro o conceito de corpo não é somente de estrutura física, mas é o próprio sujeito.

que apresenta brincadeiras e jogos, ou seja, que constrói e reconstrói a sua cultura lúdica, o “corpo brincante”. Ou seja, o mesmo corpo que trabalha cortando cana, ou sendo explorado de qualquer outra forma em qualquer lugar do mundo é capaz também de brincar subvertendo a lógica da produção, demonstrando “sonhos-desejados” (p.78), demonstrando desejo por um “outro projeto de sociedade” (p. 220).

Dessa forma, o autor elucida:

[...] os jogos e brinquedos das crianças são construídos no terreno da adversidade e da penúria, na sucata e migalhas de tempo conquistadas à duras penas. O lúdico (brincadeira) nesses meandros é tecido na boca da noite, na boca-de-forno, na natureza quase morta, no tempo morto, mas ainda assim, da maneira mais criativa e rebelde possível. (p.338)

O texto trouxe em suas linhas e entrelinhas, de forma bastante clara, a necessidade de um olhar para as infâncias empobrecidas, através não de um denunciamento, mas

de toda uma análise contextual, histórica, social e econômica dessa realidade, versando inclusive sobre as políticas públicas necessárias para diminuir<sup>5</sup> a exploração do trabalho infantil. Traz a tona os anseios do povo dos canaviais, sobretudo, das crianças para uma vida mais digna. Ao tratar da brincadeira (cultura lúdica) como forma de resistência das crianças, ele nos faz repensar esses corpos-sujeitos que propõem emancipação através das transgressões da imaginação e da fantasia infantil que se materializa na brincadeira.

*“[...] a gente tem que cortar e amarrar um grande número de feixes pra poder ganhar aquele dinheiro pouquinho. Mas a gente sempre arruma um jeitinho para brincar” (Maria José, treze anos, Evento-Campo 7 - p.222)*

Contato:

*jacifef1@yahoo.com.br*

Recebido: outubro/2008

Aprovado: março/2009.

<sup>5</sup> Diminuir, já que para o autor não há como erradicar a exploração do trabalho infantil imerso na lógica do capitalismo.